

USO DO CRACK: IMPLICAÇÕES NOS ASPECTOS SOCIOCULTURAIS DA CONTEMPORANEIDADE

*Tereza Maria da Silva Ferreira
Lourdes Rafaella Santos Florencio*

Introdução

Debruçar-se sobre a problemática da drogadição não se limita ao problema social, dessa forma, não cabe analisar apenas o fenômeno, e sim os processos sociais munidos de práticas historicamente construídas. Nessa perspectiva, este ensaio não pretende apontar o problema ou listar possíveis soluções. Ao contrário, busca fazer uma reflexão sobre a carga simbólica e as práticas educativas presente no processo de drogadição em uma perspectiva de práticas educativas onde o sujeito que faz usos da droga encontra estímulos diversos e particulares.

Na atualidade, o uso do crack merece um destaque especial, seja pela efervescência midiática em torno do tema, seja pelos efeitos, fisiológicos e sociais, que seu uso pode efetivamente trazer, não apenas para o sujeito em uso, mais para a sociedade como um todo.

A partir desse contexto, buscou-se analisar de que forma este fenômeno está relacionado às diferentes práticas educativas e expressões culturais na trajetória de vida de um dependente. Neste ensaio, acompanhou-se um usuário de crack, o qual chamaremos aqui pelo nome fictício de Cláudio.

Buscou-se tecer reflexões no que se refere às concepções de mundo apreendidas no depoimento deste dependente de crack, imbuída e nas várias formas de linguagem, como elemento essencial na reflexão e construção de si. Buscando

descrever parte das experiências, no uso do crack, na história de vida do dependente biografado, como também, conhecer implicações socioculturais, a partir de uma visão crítica como perspectiva fundamental, para uma melhor compreensão deste tipo de problemática na atualidade.

Desta forma se entende o referencial antropológico como perspectiva essencial na compreensão das representações que envolvem usuários de drogas, em meio a uma rede de significados nas dimensões micro e macrossocial da história contemporânea. Delineado a partir de um estudo Etnográfico (GEERTZ, 1973), esse tipo de pesquisa busca aprofundar a análise e na medida do possível, trabalhar com a experiência social do sujeito expressa no seu cotidiano, ou seja, com a cultura, com o modo de vida e significados atribuídos a valores, sentimentos e práticas sociais do sujeito biografado.

Através desse trabalho se pode entender relações que permeiam alguns elementos presentes no discurso de usuários de substâncias psicoativas, são eles: sensações, drogas e prazer. Sendo então fatores essenciais à discussão desse artigo, para que possamos entender a relação existente ou não desses elementos na vida de um dependente de drogas. Também é interessante conhecermos algumas implicações socioculturais que envolvem esse uso. Procuramos com essas questões debater sobre algumas indagações, sobretudo: que contextos socioculturais favorecem o uso do crack na contemporaneidade? Que situações estão relacionados esse uso? Que práticas educativas são vivenciadas?

Nesse contexto, utilizamos como procedimento metodológico a pesquisa de campo, com isso optamos pelo diário de campo e tendo como subsídio fundamental as entrevistas informal ou espontânea como conversa entre o pesquisador e o sujeito, como forma de definir os melhores registros da me-



mória do indivíduo biografado. Conforme Da Matta (1987) é na relação do informante com o pesquisador que nos permite conhecemos e participar dos costumes, valores, sentimento, enfim de enxergar de perto ou vivenciar o outro.

Aproximações Teóricas e Análises Sociais do Crack

Apesar do uso de substâncias psicoativas serem um fenômeno que acompanha o homem desde a antiguidade, sofrendo diversas transformações dentro do tempo, espaço e mais especificamente da cultura, o uso de substâncias que modificam o estado de consciência do indivíduo, as características desse uso, vêm se transformando significativamente nas últimas décadas e mais especificamente na contemporaneidade. No decorrer do tempo, as substâncias psicoativas passaram de exóticas e fascinantes como era tida na antiguidade, para o caráter de política proibicionista e uma grande rede do narcotráfico como mercadoria ilícita, com quadros de abuso e dependência química, o que constitui, hoje, problema mundial, fazendo do crack um problema sociocultural complexo, ultrapassando os meros aspectos legais, jurídicos, de saúde e locais, sendo um problema característico da sociedade contemporânea (SANCHEZ, 2002). A partir desse contexto temos na atualidade, o uso da droga crack um objeto que merece um destaque especial.

Embora o crack venha assumir a representação de uma nova droga, na verdade ele pode ser pensado como uma forma de administração da cocaína, sendo um subproduto desta, que transformada em pó, adicionada de água, bicarbonato de sódio e aquecidos, se origina a droga em formato de pedras então já conhecida como crack. Nome esse concebido pelo barulho emitido ao ser transformado, pode ser fumado em

cachimbos, em latas de alumínio, embora os apetrechos para seu uso sejam variados, a maneira de colocar a pedra em combustão sempre é a mesma, ou seja, coloca-se primeiro a cinza de cigarros onde será queimado, a pedra por cima, acende e enfim aspira-se a fumaça.

O crack emerge no Brasil por volta da década de 1990, com rápida expansão, principalmente nos grandes centros urbanos. Segundo Domanico (2006):

Quando o crack surgiu e seu uso se banalizou entre a população das camadas sociais mais pobres da sociedade, pudemos observar a criação de regras sobre seu uso por muitos técnicos da saúde (médicos, psiquiatras, psicólogos e assistentes sociais) ligados ao atendimento de usuários de drogas que começaram disseminar a ideia de que o crack era a “droga do mal” e se encarregaram de tornar o crack a pior droga do momento. Já os impositores, que na época estavam ligados às questões judiciais, se encarregaram de se qualificar a polícia, em especial, como a força responsável para combater o mal, com a ajuda da mídia obviamente. Este movimento teve repercussões diretas na forma como a sociedade lidou com o uso do crack, surgindo o pânico moral (p. 25).

Porém é necessário compreendermos que foi a partir dessa propagação negativa que essa problemática recebeu uma maior visibilidade em relação à complexidade que implicam os vários aspectos culturais como a cultura, a justiça e ao campo das políticas de saúde na atualidade.

A biografia nos dá a oportunidade de “olhar o outro” sobre sua trajetória, traçando seus percursos através de sua identidade refletida em palavras, sentimento e ações podendo inclusive apresentar véis em diversas áreas que envolvem o sujeito e o momento histórico se configura temas tão discutidos pela sociedade como é o caso de usuários de drogas e mais especificamente do crack.

Na perspectiva de análise biográfica os autores buscam compreender a vida de um indivíduo, tendo cuidado para não percebê-la apenas de forma linear, mas propõe descobertas acerca de sua complexa história. Na realização deste tipo de estudo, o pesquisador, coloca em evidência o modo como cada pessoa pode mobilizar seus conhecimentos, os seus valores, os seus sentimentos, para ir dando forma à sua identidade, num diálogo com os seus contextos.

Enquanto caminhar num percurso de cunho antropológico, temos Clifford Geertz (1989), onde diz que em antropologia social o que realmente se faz é etnografia e mais especificamente prática etnográfica, podendo inclusive compreender que, isso é o que realmente representa a análise antropológica como forma de conhecimento, não sendo apenas uma questão de método. Afirma que não são apenas as técnicas e nem os procedimentos metodológicos como diário de campo, transcrever textos, selecionar informantes e vários outras que definem o trabalho do etnógrafo, mas o esforço intelectual que é representado pelo o que ele chama de uma “descrição densa”.

O que o etnógrafo enfrenta, de fato – a não ser quando (como deve fazer, naturalmente) está seguindo as rotinas mais automatizadas de coletar dados – é uma multiplicidade de estruturas conceituais complexas, muitas delas sobrepostas ou amarradas umas às outras, que são simultaneamente estranhas, irregulares e inexplicitas, e que ele tem que, de alguma forma, primeiro apreender e depois apresentar (p.7).

O autor afirma que realizar a etnografia é o esforço de ler, enquanto construção de uma leitura de manuscritos, incoerências, comentários tendenciosos, escritos de exemplos transitórios de comportamentos modelados.

Podemos adotar muitos caminhos para a reconstrução parcial ou total de uma trajetória biográfica, nesse sentido,

cabe ao pesquisador compreender que não é possível abranger o todo possível do sujeito descrito. Bourdieu (1996), explica que o problema da biografia está em conceber o relato biográfico como a escrita de uma vida, de um conjunto de acontecimentos de uma existência individual.

A produção de biografias e histórias de vida implica na seleção de fontes, que podem ser orais ou escritas, nesse contexto, tenho como subsídio fundamental as entrevistas informal ou espontânea como conversa entre o pesquisador e o sujeito, como forma de definir os melhores registros da memória do indivíduo biografado.

Em relação à memória, que se faz necessário a sequência desse estudo, não posso deixar de analisar inicialmente as histórias de vida que enquanto narrativas de si, as quais nos ajudam a compreender as lutas travadas por esses indivíduos nos espaços de poder/saber através dos estudos de Bosi (1994), referente ao conceito de memória coletiva.

Ainda situando a história na sua temporalidade, temos o conceito de história enquanto *narração* verdadeira ou falsa, que possui como princípio basilar a *realidade histórica* ou puramente imaginária com Le Goff (2003). Resultado de lembranças, porém também de esquecimentos, onde seu discurso permeia entre, emoções, sentimentos de tristeza e perdas.

Na construção de uma pesquisa biográfica de cunho antropológico, temos Gussi (2002) que trata a abordagem biográfica em três diferentes aspectos, os quais sejam, como informação do contexto social, como evocação do sujeito e como interpretação do autor. No entanto, quando faz uso desse tipo de abordagem e se faz uso desses aspectos, vêm à tona algumas oposições entre indivíduo e sociedade, sujeito e estrutura social, e subjetividade e objetividade. Especificando melhor ele define:



O que se propõe aqui é considerar esse três aspectos da abordagem biográfica a as oposições deles decorrentes, tomando como foco de referência analítico a noção de experiência e duas implicações epistemológicas decorrentes da problematização dessa noção: a primeira, a de que a experiência constitui um processo de aprendizagem dos sujeitos; e a segunda, refere-se às relações entre experiência, aprendizagem e a intersubjetividade, fruto do envolvimento entre os sujeitos e o pesquisador.

O autor afirma ainda que na dimensão biográfica, a experiência intersubjetiva abre possibilidades entre saberes distintos, como as experiências de vida dos sujeitos, e do saber permeado entre o conhecimento científico e a experiência autobiográfica do pesquisador, possibilitando-nos – sujeito e pesquisador, descobrir nossa participação em processos de aprendizagem por meio da própria vida e de realidades distintas.

Percorso Biográfico de um Dependente de Crack

Dentre os projetos sociais que já se trabalhou, se teve a oportunidade de conhecer, na década de 90, um dependente de crack, quando ainda não era comercializado no formato de pedra. Nesse período de sua vida, estava casado, com uma filhinha ainda pequena, sua mãe estava viva e trabalhava como moto-entregador de gás de cozinha, numa empresa bem conceituada na cidade de Fortaleza, embora fosse usuário de drogas há muitos anos, ainda conseguia manter seu vício e estrutura familiar dentro dos padrões sociais normatizados.

Quando surgiu a oportunidade de pesquisar sobre esse tema, ao procurá-lo, já o encontramos em uma situação bem diferente da anterior, sua mãe havia falecido, estava separado e morando na rua. De início se teve como primeira dificuldade encontrá-lo, pois embora morasse na rua, não podia permane-

PERGAMUM
UFC/BCCE

cer no mesmo lugar por muito tempo, devia aos traficantes e estava constantemente ameaçado de morte. Depois de várias noites a sua procura, conseguiu-se encontrá-lo em uma mercearia próximo da casa de seus pais. Estava há cinco dias sem tomar banho, dormir e comer, depois de tê-lo achado ainda eufórico e um pouco machucado, fugindo do chefe de uma boca de fumo que ele estava devendo dinheiro. Tomou um banho na casa de um amigo, trocou de roupas, então fomos a uma churrascaria para juntamente com ele comer algo, pois, como anunciado anteriormente, faziam cinco dias que não se alimentava.

Dentre essas dificuldades iniciais, realizou-se a primeira entrevista, partindo da sua trajetória de uso do crack, com o propósito de coletar dados iniciais de sua história de vida em relação ao uso de drogas e dependência do crack. Como já tínhamos contato há muitos anos, sentia-se seguro para falar abertamente comigo, disse que:

Tinha vinte e dois anos, estava fumando maconha na casa de um amigo do mundo das drogas no bairro que residia, onde estava outro amigo, O Jorjão do Rio Grande do Norte, que era traficante, ele estava com cocaína e disse que tinha uma coisa muito boa, era um “vira” ainda não tinha nem o nome de “crack”, naquele tempo era conhecido como “virada” feita com cocaína. Então ele virou (coloca bicarbonado ou amoníaco na cocaína, um pouco de água e esquenta), ou seja, transformou a cocaína no crack, então eu usei a primeira vez não senti nada, ele disse usa de novo e nada, então somente na terceira vez que usei foi que senti aquela sensação boa e de querer mais, a sensação de bem estar e vontade de querer mais, sensação de estar disposto inclusive de buscar de novo, lhe deixando capaz de qualquer coisa para conseguir mais, você usa e em questão de dois a três minutos já quer mais e mais. Na verdade é a sensação de “mais”, dessa terceira vez, eu já senti que estava dependente.

Ao pedir que ele descrevesse qual a diferença do crack para as outras drogas, empolgado relatou que, a sensação do crack é totalmente diferente das outras drogas. Com a maconha eu ficava tranquilo, comia, dormia, trabalhava, com o crack você não faz nada disso, você desenvolvi logo uma paranoia “nóia”, vivi assustado, parece que está sempre procurando algo ao seu redor, como de estivesse perdido alguma coisa, e quando precisa roubar pra usar, você fica todo tempo com a sensação de estar sendo perseguido, é totalmente diferente das outras drogas.

Finalmente, relembro quais as drogas que já havia usado no decorrer de sua vida, ele relatou que começou a se drogar ainda aos onze anos:

[...] meus irmãos trabalhavam colando sandálias dentro de casa, então o cheiro de cola circulava na minha casa, como tinha latas de cola estocada eu aos doze anos já levava latinha de cola para cheirar no mato que ficava em frente minha escola. Tive uma forte anemia por causa da cola, então minha mãe me mandou para passar uns tempos no interior, para ser tratado. Voltei dentro dos treze e quatorze anos comecei a fumar maconha até os vinte anos, sendo a droga que eu mais usei, usava conjugada com o raxixe. Nessa mesma idade comecei a usar a cocaína e as vezes alternava com a maconha como forma de relaxar um pouco da cocaína. Então comecei a usar o crack daí em diante somente o crack.

Em meio às lembranças relatou alguns pontos que julgava importante na descrição de sua experiência com essa droga. Para ele, o crack têm suas fases, ele relata que

[...] no começo conseguia controlar. Trabalhava e usava a droga no lugar do almoço duas, três pedras e só usava a noite quando chegava a casa umas dez a quinze pedras, passei ainda uns cinco anos conseguindo manter o uso através do meu trabalho. Quando comecei a faltar o trabalho na segunda-feira, não trabalhar mais na sexta,

então por causa das faltas perdi meu emprego, minha fonte de renda para manter o vício. Passei então a vender o que tinha em casa, quando não podia mais tirar o que tinha em casa, me colocaram pra fora de casa, foi quando comecei a furtar inicialmente frutas na Ceasa e depois uma bicicleta, foi quando fui preso pela primeira vez por ter furtado uma bicicleta na Ceasa.

Quando se levanta questionamentos sobre a questão das drogas, um dos primeiros aspectos que vem a tona é o farmacológico, especialmente relacionados aos riscos e danos ligados ao seu uso, abusos e dependência. Outro aspecto é o jurídico, associados ao tráfico, violências e crimes ligados ao vasto universo que permeia a comercialização e as práticas do uso de drogas.

Porém, tais aspectos não nos ajudam a entender o “porquê” de os sujeitos continuarem usando drogas a despeito de toda sua negatividade e dos esforços empenhados em combater esse uso.

Para além dessas duas frentes de análise, acredita-se ser necessário ir além, buscando intender aspectos que levem em consideração as experiências, as individualidades e subjetividades dos sujeitos imersos no uso das drogas, em especial do crack. Portanto, para se chegar a um entendimento mais amplo da questão das drogas, se faz necessário levar em consideração os “diferentes sujeitos” que fazem usos variados dessas substâncias, assim como os múltiplos elementos socioculturais que corrobora para essas práticas. Não se pode ainda perder de vista o momento histórico a qual estamos todos inseridos onde valores, anseios e hábitos vivem em constante, e rápida, mutação. Onde, de acordo com a realidade sociocultural vivenciado na contemporaneidade¹, fragmenta-se as relações

¹ Segundo Hall (2006, p.14) As sociedades modernas são, portanto, por definição, sociedades de mudança constante, rápida ou permanente. Esta é a principal distinção entre as sociedades “tradicionais” e as “modernas”.

sociais e culturais de classe, raça, gênero, sexualidade, etnia e nacionalidade provocando crises existenciais no meio social.

Certeau (1994), afirma que toda atividade humana pode ser considerada como cultura, embora possa não ser reconhecida como tal, pois, para a existência de cultura, não basta ser autor das práticas sociais, é necessário que essas práticas tenham um sentido para aquele que as esteja realizando. O autor considera também, a legitimidade dos saberes e valores de práticas subterrâneas, como prática cultural dos não produtores de cultura, de forma que vão modificando os objetos e os códigos, abrindo caminhos nas imposições das políticas culturais relativos às situações estabelecidas pela sociedade e suas relações de força e poder.

Cláudio, nosso depoente, ressalta várias vezes sobre as sensações que o crack proporcionou para ele uma “sensação boa”, “sensação de bem estar”, “sensação de estar disposto”, “sensação de mais”. Fiore (2008, p.144) discute em alguns de seus trabalhos, duas controvérsias de suma importância ao entendimento do consumo das drogas: as noções de prazer e risco, enquanto sentidos ilusórios e artificiais para seus consumidores:

Embora a ideia de degradação e sofrimento seja mais comumente associada às “drogas”, a relação entre seu consumo e sensações prazerosas é praticamente consensual no campo dos saberes médicos. (Ou seja, não há debate ou controvérsia quanto a um efeito entendido pelos consumidores de “drogas” como prazeroso).

É necessário conhecermos que na visão farmacológica, os vários tipos de substâncias psicoativas são capazes de alterar de alguma forma a consciência ou produzir reações específicas no Sistema Nervoso Central – SNC. Essas sensações são explicadas por suas interferências no processo de capta-

ção e recepção de transmissores relacionados às sensações de bem-estar, como a dopamina e a serotonina, o resultado final desses efeitos é organizado pelos manuais médicos como estimulante, alterador ou depressor.

Ainda segundo Fiore (2008) o uso de drogas pode proporcionar prazer, porém ele é mediado de negatividades e riscos com a capacidade de obscurecer um efeito temporal devastador e principalmente o sentido ilusório de prazer que ela pode causar. Ele diz que “E as drogas dão uma espécie de curto-circuito, dão ao corpo uma espécie de prazer sem que ele exista. Dão uma ilusão química do prazer”. E esse processo de prazer, além de ilusório também pode proporcionar uma artificialidade, configurando-se numa anomalia, que tem o poder de além da dependência, cobra preços altíssimos de quem usa.

Considerações Finais

A problemática que envolve o crack não deve limitar-se somente aos olhares da Saúde e Justiça. Precisa-se encherá-lo como um território construído por sujeitos que encontram na sua caminhada inúmeros impasses, conflitos e prezeres.

Estudiosos, das áreas diversas, também encontram dentro desse objeto, o crack, lacunas e questionamentos que podem, e devem, ser melhor estudados. Presencia-se várias exposições, em especial nos espaços midiáticos, sobre o uso do crack suas principais consequências, de deteriorização do corpo pelo aumento da violência. Aos estudiosos das áreas de humanas ampliar esse campo de visão e começar a questionar as causas, pontos comuns e diversos que se encontram nos usuários de crack. Se faz necessário ir para além do modelo estereotipado de usuário de drogas, se faz necessário conhecer os principais sujeitos desse processo, os usuários.



Dentre os objetivos abordados neste artigo temos o de descrever um pouco do percurso de uso do crack na história de vida do dependente biografado, como também, conhecer as implicações socioculturais em torno de um olhar antropológico como perspectiva fundamental, para uma melhor compreensão deste tipo de problemática na atualidade.

Percebemos nos pressupostos teóricos apresentados forte aliados a uma compreensão das relações que fundamentam as situações preconceitos e estigmas sociais de violência, como também, conhecer e analisar os sistemas e estruturas de pensamento que estabelecem a exclusão dos não privilegiados e as formas de dominação imputada à falta de oportunidades, reproduzida nas relações sociais de produção da sociedade capitalista e no sistema de educação brasileira. Buscando compreender a complexidade de ideias, sentimentos e atitudes dos indivíduos, dentro dos espaços sociais e na diversidade cultural do sistema econômico, social e educacional.

Referências Bibliográficas

BOSI, E. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Cia das Letras, 1994.

BOURDIEU, Pierre. Política & sociedade, n. 6, abr. 2005. In: FERREIRA, Marieta de Moraes (Org.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996.

CERTEAU, M. *A invenção do cotidiano*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

GUSSI, A.F. Abordagem biográfica e suas implicações epistemológicas entre Antropologia e a Educação. *CADERNOS DE ESTUDO SOCIAIS*, jul.dez. Fundação Joaquim Nabuco, v. 24 n.2.

PERGAMUM
UFC/BCCE

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. São Paulo: Editora, UNICAMP, 1990.

Da Matta, Roberto. *Relativizando: uma introdução à antropologia social*. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

DOMANICO, Andréa.. “*Craqueiros e Cracados: bem vindo ao mundo dos nórias!*” – Estudo sobre a implementação de estratégias de redução de danos para usuários de crack nos cinco projetos-piloto do Brasil. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, UFBA, Salvador, 2006.

STUART, Hall. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu Silva e Guaracira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

FIORE, Maurício. Prazer e risco: uma discussão a respeito dos saberes médicos sobre uso de “drogas”. In: LABATE, Beatriz Cauby *et al* (Orgs.). *Drogas e cultura: novas perspectivas*. Salvador: Edulfa. 2008. p.141-152.

GEERTZ, C, J. *A interpretação das culturas* – 1973. LTC, 1989.

SANCHEZ, Z. van der M. NAPPO, S. A. Sequência de drogas consumidas por usuários de crack e fatores interferentes. *Rev. Saúde Pública*, São Paulo, v. 36, n. 4, ago. 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo>> Acesso em: 30 abr. 2011.